

ENERGIA

26 de maio de 2018

A DÍVIDA INVISÍVEL

A energia aparece como uma medida econômica — megawatts, barris, equivalentes de CO₂. Números, gráficos, relatórios. Mas por trás dessas cifras estão fluxos, dívidas, dominações — e tornar esses fluxos visíveis requer mais do que um economista: uma artista, uma ativista, uma cartunista, uma fotógrafa, uma pintora. Os países que enriquecem parecem ter reduzido sua pegada ecológica — produção limpa, políticas verdes, emissões em queda. Mas há uma dívida invisível: enquanto o consumo continua, a produção suja é exportada para outras geografias. É tomada emprestado da China, importada, feita para parecer limpa. Este é o mecanismo da dupla higiene — aparência limpa, realidade suja.

"Os países que enriquecem parecem ter reduzido suas pegadas ecológicas, mas na verdade as estão transferindo para outros países. Enquanto continuam o consumo, exportam a produção suja para outros lugares."

A Turquia tem exibido consumo além de sua biocapacidade desde os anos 1970 — ou seja, ela toma mais do que a natureza pode repor. Isso não é um detalhe técnico, mas uma realidade existencial: estamos tomando mais da terra em que vivemos do que ela nos dá. A pegada ecológica é medida em seis categorias: pastagem, carbono, água, agricultura, floresta, produção pesqueira — cada uma um item separado de dívida. Na busca por petróleo, a Turquia não tem reservas economicamente produtivas — estão mais fundo, o custo é alto, a extração não é lucrativa. Mas sem um movimento sério em direção a fontes de energia alternativas, a dependência externa continua e as importações de energia são a principal fonte do déficit em conta corrente.

O conceito de poupança ecológica — poupança nacional que contabiliza não apenas dinheiro, mas também a perda de recursos naturais — mostra que a história do crescimento é contada consumindo o capital da natureza.

Alguém que cresceu numa família de classe trabalhadora em Balıkesir, passando da Economia da Boğaziçi para o ITU — num sistema onde uma média de 2,56 se torna uma barreira para o mestrado — depois para a Marmara para um doutorado, de Erasmus em Portugal para um ano de pesquisa na Suécia, questiona a hipótese da Curva de Kuznets Ambiental: a suposição de que à medida que os países crescem, a poluição ambiental primeiro sobe e depois cai — isso está errado. Ela não cai, ela se move. Os fluxos ecológicos ocultos no comércio internacional são a verdade por trás da história do crescimento limpo. Na pesquisa sobre o trabalho das mulheres, encontra-se um problema estrutural semelhante: a saída das mulheres educadas do mercado de trabalho não pode ser explicada apenas por educação ou cultura — a deficiência sistêmica dos serviços de cuidado é decisiva. Os subsídios aos combustíveis fósseis bloqueiam o caminho das políticas climáticas — quando os subsídios são removidos, os grupos de menor renda da sociedade são os mais afetados. Em todo lugar o mesmo padrão: trabalho invisível, dívida invisível, custo invisível.

A LINGUAGEM DO CARVÃO

A mudança climática é um conceito abstrato — não interessa à maioria das pessoas. O conceito é muito grande, muito distante, muito pouco claro. Mas quando você diz "carvão", quando o enquadra como risco à saúde — poluição do ar, asma das crianças, dificuldades respiratórias dos idosos, a fumaça da chaminé da usina termelétrica — as pessoas respondem. Deve-se descer do abstrato para o concreto, do conceito global para a usina ao lado da casa do Ali. Começar a partir das questões da vida cotidiana presas no local em vez do conceito global é a única forma de mobilizar as pessoas.

"Quando é concreto, as pessoas agem. Uma usina termelétrica vai ser construída ao lado da casa do Ali, as pessoas aqui vão ficar doentes — é ali que começa. Depois você pode chegar à mudança climática a partir daí."

Uma socióloga política nascida em Istambul, passando da Economia da Boğaziçi para um doutorado em sociologia na McGill no Canadá, pesquisa relações Estado-sociedade civil-renda. Trabalha em ciência política na Universidade Bahçeşehir. Pesquisa sobre organizações ambientais desde 2008 — o vínculo entre a luta pelo carvão e as questões de saúde, comunicação sobre mudança climática, as dinâmicas da mobilização da sociedade civil. A assinatura do Acordo de Paris (2015) tornou-se uma fonte inesperada de legitimidade para as ativistas do carvão — em 2016 essa referência legal internacional forneceu um ponto de apoio para as lutas locais. A seca em Konya, as folhas murchando das oliveiras — esses contam às pessoas mais sobre a mudança climática do que o próprio conceito. A Turquia é um país ecologicamente muito rico — mas sua capacidade de despojar essa riqueza também é alta. Riqueza ecológica e capacidade de destruição ecológica vivem no mesmo corpo. O discurso desenvolvimentista é o maior obstáculo diante da luta — porque a promessa do crescimento legitima a destruição.

Na campanha Yeşilyol, uma ativista caminha as montanhas tentando organizar as pessoas — mas é percebida como "anarquista". Este é o problema da tradução do conhecimento: a distância entre o conhecimento teórico global e a prática local não pode ser fechada apenas com boas intenções. Partir do concreto, partir das vidas das pessoas — não há outro caminho. As ativistas do carvão entenderam isso: em vez de metas climáticas abstratas, dizer "o ar do seu bairro está sendo poluído, seu filho está ficando doente" é a linguagem que mobiliza as pessoas. Uma ponte pode ser construída de um nome pessoal para a teoria global — mas os pés da ponte devem ser locais. No triângulo das relações Estado-sociedade civil-renda, a luta ecológica sempre permanece nas margens — mas quando começa localmente, essa marginalidade pode se tornar um centro.

A CADEIA

A energia nuclear é apresentada como solução para a mudança climática — mas isso está errado.

"Não podemos abordar a energia nuclear por conta própria. Temos que pensar nela dentro da cadeia nuclear. Da extração da matéria-prima de urânio à geração de eletricidade, ao plutônio no final — aquele material a 4.000 dólares o grama, ele controla o mundo inteiro na ponta dos seus dedos."

Resíduos radioativos, poluição térmica, riscos de tsunamis, tempestades, terremotos — a lista de riscos é longa e cada item é uma face diferente da catástrofe. Se os níveis de água subirem em Akkuyu, 12 reatores poderiam ser submersos. A energia nuclear parece ser um problema técnico, mas é geopolítica, é uma relação de poder, é uma questão de soberania.

Uma economista e sindicalista que viveu dois anos no Japão e estava no Parque da Paz de Hiroshima durante o terremoto de 1999. O desastre de Fukushima (2011) mudou sua vida — ela foi a Fukushima três vezes, se voltou para a pesquisa nuclear, começou a escrever para o Yeşil Gazete. Agora é tanto estudante de doutorado quanto fazendo um segundo mestrado — em sociologia e sociedade civil — coordenando o nükleersiz.org, uma luta em tempo integral. Sinop, Mersin, İğneada — os projetos de usinas nucleares da Turquia, cada um um mapa de risco separado. A Campanha do Mar Negro Karakuşlar — alguém chamado Hüseyin rema mil quilômetros ao longo de três meses, transformando seu corpo em ação política. Esta é a ação estético-política em sua forma mais nua:

corpo, mensagem, movimento.

A balada de Hiroshima de Nazım Hikmet, ouvida na infância — o peso carregado por um poema se transformou, décadas depois, num senso de responsabilidade pessoal. Chernobyl e Fukushima transformaram aquela balada em realidade. A energia nuclear é comercializada como solução climática, mas quando o cálculo é feito ao longo de toda a cadeia nuclear — o custo ambiental da extração de urânio, o consumo de energia do processamento, os milênios de radioatividade nos resíduos — a equação fica longe de ser limpa. A geopolítica do plutônio, o lobby internacional, mostram que a questão energética não é um problema técnico, mas político.

VIVER SEM PRODUZIR RESÍDUO

Uma mulher nascida em Trabzon-Sürmene, cuja infância passou entre escola e vida agrícola, que se mudou de auxiliar de professora numa turma de jardim de infância para educação artística na Mimar Sinan, voltou para sua aldeia — sozinha. Viver sozinha como mulher numa aldeia, tornar a sensibilidade ambiental parte da vida cotidiana — ao mesmo tempo uma solidão e uma força. Sua própria presença dá coragem a outras mulheres; aceitar as deficiências e assumir responsabilidades cria poder.

"Uso a arte como ferramenta na minha própria vida e na região onde vivo. Para não servir ao mesmo sistema enquanto o critico, primeiro precisei viver sem produzir resíduo para mim mesma."

Transformar sacolas plásticas em material artístico, converter resíduos em expressão — música, performance, pintura, uma prática multidisciplinar. Em sua aldeia um poço de mina de cobre foi convertido em depósito de resíduos — ela organiza uma exposição de protesto contra isso, mas não apenas chamando atenção: ela cria um espaço para encontrar soluções juntos. A Associação de Arte e Cultura Natural de Çamburlu é fundada — a luta coletiva como organização da sociedade civil é mais forte do que a ação artística individual. Histórias contadas às crianças de trabalhadores por meio da arte são ouvidas melhor pelas crianças — a dimensão mais bela da arte é tocar as pessoas. Sair do sistema não é apenas uma escolha individual; ser um exemplo, dar coragem a outros, torna-se uma fonte de poder coletivo. Até a presença de uma mulher vivendo sozinha numa aldeia expande o que é possível.

O RITUAL SEMANAL

Uma cartunista nascida em 1985, desenhando uma coluna semanal no Penguen e no Uykusuz desde 2006 — uma rotina ininterrupta de doze anos. O cartum semanal é uma forma de registro que combina a agenda política com a cultura popular e observações urbanas. Quando repetido, deixa de ser uma coluna numa revista de humor e se torna uma espécie de narração histórica, um projeto de registro. Formatos de almanaque, exposição, calendário — o tópico evolui para arquivo, o humor em documento histórico.

A ecologia é um campo que recebe muito pouca atenção na agenda política geral. Mas conexões podem ser feitas: começar pela política tópica e conectar à energia nuclear é possível — a habilidade da cartunista está precisamente nessas transições. No projeto de filme "Estilo Nuclear Turco", a colaboração com um diretor continuou por mais de três anos — produção de visualizações e infográficos, um mapa de desastres nucleares, as condições em Akkuyu, a topografia industrial da distribuição do carvão e do nuclear.

A figura do Homem Parado — ação política feita usando o corpo — mostra que quando performance, texto e visual se combinam, emerge um poder comunicativo completamente diferente. Assim como a mensagem do corpo remando na campanha Karakuşlar — o movimento precede as palavras. Humor e mensagem política devem andar juntos — mas este é um equilíbrio muito difícil. Desenhar cartuns sobre ecologia é o esforço de trazer o assunto mais marginalizado da agenda para o centro. Trabalhar com outras disciplinas é essencial para a sustentabilidade — a cartunista sozinha não é suficiente; é preciso produzir junto com o diretor, o pesquisador, os ativistas.

CEREYAN

Uma artista fotográfica nascida em Urfa, que fez mestrado na SVA em Nova York, trabalha com um projeto que abrange anos sobre água, fluxo e energia — a série Cereyan. Fotografias antigas encontradas em sebos, negativos de famílias de trabalhadores descobertos durante uma oficina no Campus Silahtarağa — a memória é a matéria-prima da fotografia. As primeiras obras nasceram dessas descobertas de arquivo.

Seis a sete anos de pesquisa sobre o Projeto GAP desde 2007: o sonho de que Harran "se tornaria um mar" — o poema de um avô — e depois a realidade. Apresentamos a natureza dentro de um arcaúto utilitário: extraímos suas pedras, cortamos sua água, celebramos como desenvolvimento. Mas aquela seca causa guerra além da fronteira. As fronteiras existem, mas a natureza não tem fronteiras nenhuma — um redemoinho de repente dirige areia e incêndios para as plantações; esta imagem tornou-se o eixo principal do projeto.

Na residência Domastik Art em Nova York, gotas d'água de uma garrafa são instaladas para fazer crescer feijões numa cama — o equilíbrio delicado da natureza é tão sensível assim. Nossa intervenção, por outro lado, é muito grosseira e equivocada. Arqueologia, geologia, Mesopotâmia — de Göbekli Tepe até o início do Bizâncio — lugares submersos sob água, movimentos populacionais, salvamento e circularidade. À medida que a escala geográfica cresce, a fronteira entre local e global se torna turva. A Série de Palestras Repita-o-Ciclo — Ali Alper dos ciclos das estrelas aos ciclos ecológicos — reúne disciplinas diferentes. Cereyan — ao mesmo tempo corrente elétrica, fluxo de água e um evento inesperado — a própria palavra é a essência do projeto. Dos campos de algodão às cidades antigas submersas sob água, dos movimentos populacionais à construção de barragens — cada um um momento diferente do mesmo ciclo. Alcançar as crianças, ver que o que você faz as alcança — este é um conhecimento carregado no bolso, não exprimível em palavras, mas funcionando.

O ESQUELETO DA MONTANHA

Uma pintora nascida em Ancara, criada em Istambul, formada pela Mimar Sinan Belas-Artes — no mercado de arte desde 2002, 10 exposições individuais. Um caminho começando em 2004 com espaços industriais e fábricas abandonadas moldou-se em torno do tema do resíduo e da ausência — o próprio abandono é uma estética e uma crítica. Após Gezi em 2012 evoluiu em direção ao grafite de parede, depois às pedreiras. Em Carrara, as pedreiras de mármore da Itália, vários locais na Turquia — o que você vê é o esqueleto da montanha: nu, despido, doloroso.

"Nas pedreiras de mármore você vê o esqueleto da montanha — isso realmente me dói. Mas tenho que encontrar uma linguagem pictórica."

A distância entre uma paisagem passada e uma ruptura presente é o assunto da tela. A série "Preencha a Planta": natureza artificial, jardins verticais, áreas cimentadas — enquanto milhões de árvores estão sendo cortadas, nos enganamos com alguns vasos. Esses maquiagens verdes artificiais são uma solução egoísta.

Ser bonito compensa uma pintura mostrando coisas ruins? Um colecionador vai comprar esta pintura, pendurá-la na parede e vê-la como uma coisa bonita — mas isso não apaga a mensagem? Talvez. Mas a escolha estética não faz esquecer algo — cria outra forma de lembrar. A obra de arte é vendida, entra numa coleção, torna-se um objeto de prestígio — essa contradição é a pergunta que a artista faz a si mesma. O objeto belo torna a crítica inoperante? A tensão entre estetizar a natureza e simultaneamente criticá-la é sempre sentida — mas carregar essa tensão em vez de fugir dela é uma forma de honestidade.

A PALAVRA ALTERNATIVA

Hoje uma palavra alternativa foi produzida aqui.

"Se pessoas completamente diferentes tivessem vindo em torno da energia — burocratas, membros de partidos políticos, investidores — teriam falado de desenvolvimento, teriam falado de soberania nacional. Mas produzimos uma palavra alternativa sobre o mesmo assunto, falando de ciclos, falando da dominação que os humanos estabeleceram

sobre a natureza."

Nesta mesa, uma linguagem diferente foi falada — "cadeia nuclear" em vez de "solução energética" nuclear, dominação em vez de desenvolvimento, ciclo em vez de crescimento. E mudar a linguagem é mudar o olhar.

Documentação é diferente de ser orientado para soluções — mas não é menos valioso. Apenas arquivar, posicionar uma situação e criar uma diferença nas pessoas pode ser suficiente. Pode-se ser ao mesmo tempo ativista e artista — há artistas que se chamam de "ativistas" e aqueles que não o fazem. O que importa não é qual dessas definições você escolhe, mas qual é o seu trabalho. Não ver a natureza como uma coisa separada, lembrar que somos parte dela — a violência feita à natureza é a violência feita a nós mesmos. Devemos lembrar as pessoas disso, devemos nos amar na essência da questão. Ser orientado para soluções não é obrigatório — às vezes a presença, o testemunho, o próprio registro é suficiente.

Sete pessoas — economista de energia, socióloga política, ativista antinuclear, artista moradora de aldeia, cartunista, artista fotográfica, pintora — de geografias diferentes (Balıkesir, Istambul, Trabzon, Urfa, Ancara), de caminhos diferentes, tocaram a mesma pergunta. Cada uma segurou o conceito de energia a partir de uma posição diferente: energia econômica, energia política, energia nuclear, energia vital, energia comunicativa, energia transformadora, energia estético-ética. Cálculo da dívida ecológica, análise do discurso político, o mapa de risco do desastre nuclear, o caminho coletivo da intervenção artística, o registro semanal da história, a visualização da transformação, o questionamento da estética — todas são faces diferentes da mesma pergunta. Quanto mais devagar as árvores crescem, mais energia e calor dão — a lentidão é acumulação. Mas tudo tem um custo. Nuclear, carvão, usina elétrica — todos tomam algo da natureza, devolvem com um grau de risco. Isso é transformação.

A energia não é uma medida econômica — é um fenômeno cíclico, e contra ela está a história da dominação humana. Deixar a linguagem do sistema e passar para outra linguagem — ciclo em vez de desenvolvimento, equilíbrio em vez de soberania, poupança em vez de crescimento — este é um ato político. O conceito de metabolismo socioeconômico — como organizamos nossos arredores como comunidades, insumo de fora, processamento por dentro, produto para fora — esse arcabouço eleva a questão da energia de um problema técnico e a transforma numa questão existencial. E essa pergunta, quando academia, arte e ativismo se reúnem numa mesa indisciplinar, pode ser feita, multiplicando como um rizoma. Memória e história foram escavadas nesta mesa — fotografias antigas, cartuns semanais, vestígios arqueológicos, testemunhos de Fukushima. Todos são um projeto de "não esquecer". E não esquecer é um ato político pelo menos tão grande quanto transformar.